

**REINERT, João Fernandes. *A identidade do catequista a partir das celebrações do RICA.* São Paulo: Paulus, 2023. 21 x 14 cm. 88 p. ISBN 978-65-5562-776-3**

Frei João Fernandes Reinert, é Doutor em Teologia pela PUC-Rio, faz parte do corpo docente do Instituto Teológico Franciscano em Petrópolis e Pároco da Paróquia Santa Clara de Assis na diocese de Duque de Caxias. O A. tem se tornado conhecido no Brasil em virtude de suas obras, palestras e conferências na linha da inspiração catecumenal e conversão pastoral das paróquias.

A presente obra: *A identidade do catequista a partir das celebrações do RICA*, visa ressaltar a riqueza das celebrações do processo catecumenal para que os próprios catequistas renovem sua experiência com o Sagrado e o sentido do seu servir. Ressalta-se a responsabilidade de toda comunidade eclesial (famílias, pastorais, movimentos, diáconos, presbíteros, bispos, introdutores, animadores de comunidades) ao se envolverem no processo catecumenal de iniciação à vida cristã, entretanto, a ênfase neste livro dado pelo A. será sobre o valor do ministério do catequista tão fundamental, quanto os demais responsáveis já assinalados.

O A. já na introdução se sua obra reconhece que apesar do Papa Francisco ter instituído o ministério de catequista, ainda encontramos uma "lacuna pastoral, [portanto] vemos a necessidade de nos dedicar a esse tema, no intuito de prestar um serviço aos catequistas que tanto se dedicam à causa da iniciação à vida cristã, através do incansável trabalho de educação da fé" (p. 11). Como o intuito é trabalhar a partir das celebrações que fazem parte do itinerário catecumenal, o livro está dividido em oito breves capítulos, cada qual ressaltando a pertinência do papel do catequista nos diversos momentos rituais.

No primeiro capítulo intitulado: os objetivos do tempo do pré-catecumenato e suas evidências no ministério e na vida cristã do catequista, destaca-se como o próprio título diz o objetivo do tempo do pré-catecumenato como "um tempo dedicado à primeira evangelização, à acolhida, à atenção personalizada aquele que deseja tornar-se cristão" (p. 13). Do mesmo modo, "enquanto o catequista auxilia o candidato a discernir e a crescer na sua adesão inicial a Cristo e à Igreja, ele mesmo não pode perder essa rica oportunidade para crescer no discernimento e clarear sempre mais suas reais motivações pela causa da iniciação à vida cristã" (p. 14-15).

"Cabe ao catequista, portanto, trilhar com os candidatos esse percurso da iniciação, fazendo a si mesmo estas e outras perguntas: Como está minha relação pessoal com Jesus Cristo? Por que sou catequista? O que me motiva nessa missão?" (p. 15). Aqui está a grande questão apresentada pelo A. não se trata de "dar catequese, transmitir conteúdo", mas em primeiro lugar, o catequista se colocar nessa experiência "com" os catecúmenos e renovar o seu primeiro amor e o constante sentido do seu servir.

O A. apresenta uma questão muito pertinente: qual a Cristologia que o catequista traz consigo para anunciar aos catequizandos? O tema é abordado por que infelizmente, não são poucas as cristologias que são um desserviço à iniciação, pois não geram experiências fecundas de fé. Exemplifica o A.: "o cristo da prosperidade, distribuidor de bens e milagres; o cristo fascista, aquele que segrega; o cristo punitivo e vingativo, e tantos outros cristos caricaturados, opostos ao Jesus de Nazaré do Novo Testamento" (p. 23). O catequista precisa ter consciência desses desafios, para cada vez mais renovar a sua opção fundamental de anunciar o "Cristo querigmático que nos salva gratuitamente" (p.23). Discernimento, sensibilidade, olhar misericordioso, são requisitos essenciais ao catequista para manifestar o desejo de Deus de adentrar no íntimo do coração do catecúmeno.

No segundo capítulo, Frei Reinert a partir da teologia do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA), explica todo o sentido da celebração de entrada no catecumenato, mostrando os elementos teológicos e pastorais. A cerimônia inicia-se do lado de fora, para dizer que o candidato ainda não faz parte do corpo eclesial (comunidade reunida) que neste momento de braços abertos o acolherá. "Do lado de fora da igreja, no momento do diálogo sobre suas intenções, pergunta-se aos candidatos qual é o seu nome" (RICA n. 75) (p.30). O A. dá um destaque nesse momento ritual da importância do nome, ressaltando o valor da pessoa, sua história, tudo aquilo que o candidato traz consigo. "Ser chamado pelo nome, na tradição bíblica, significa reconhecimento da dignidade e do valor da pessoa; a Igreja não acolhe aqueles que desejam se tornar cristãos de modo anônimo, impessoal, mas, ao contrário, a acolhida é pessoal" (p. 31).

Assim como os catecúmenos entram na Igreja, a celebração de entrada é uma oportunidade que os catequistas têm diante de si para renovar o seu amor e pertença a comunidade paroquial. O A. ressalta aquilo que a Igreja espera dos catequistas, um senso de vivência eclesial. "É impossível estar a serviço da iniciação à vida cristã sem estar 'dentro da Igreja', sem ser Igreja, sem ser

homem e mulher eclesiais como sólido sentimento de pertença à comunidade” (p. 28). “A pessoa do catequista é o elo fundamental que une os catecúmenos à comunidade e une a comunidade aos catecúmenos. O catequista é decisivo para que a comunidade entre no espírito da iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal e assuma o compromisso com a geração de novos cristãos” (p. 31). Mais uma vez, o A. ressalta o comprometimento de toda a comunidade no processo para não a reduzir à pessoa do catequista, por mais primordial que seja sua missão.

No terceiro capítulo, o A. prossegue a reflexão sobre a celebração de entrada, dando ênfase no aspecto essencial do evento da cruz tanto para o catecúmeno, quanto para o catequista. “Captar o sentido e os objetivos da iniciação à vida cristã sem adentrar no tema da cruz seria passar à margem do que realmente pretende a iniciação que é formar discípulos missionários de Jesus Cristo” (p. 34). Diante de tantas tendências de focar num Jesus glorioso, esquecendo-se da cruz, Frei Reinert insiste, nesse aspecto da plenitude do Mistério Pascal: vida-paixão-morte-ressurreição-ascensão. “Um anúncio querigmático centrado exclusivamente na ressurreição, desvinculado da vida e da cruz do Senhor não gera discipulado, mas o contrário, promove o intimismo” (p. 34). O A. continua a reflexão do capítulo elencando todas as dimensões centrais da cruz de Cristo na vida do catequista para que consciente dessa grandeza, ele possa com muita lucidez transmitir essa experiência da cruz aos catequizandos. “Não a cruz enquanto fatalismo, dolorismo, mas a cruz como expressão do amor e da fidelidade de Jesus ao Pai e aos irmãos” (p. 36).

Prosseguindo a reflexão no quarto capítulo, Frei Reinert trabalha a importância da Palavra de Deus na vida do catequista para que ele a partir da sua íntima experiência com a Palavra, possa transmitir essa mensagem como Palavra geradora de vida aos que passarem pelo seu caminho. “A Palavra de Deus está no centro da iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal. A mudança do estilo de catequese doutrinalística para encontros orantes, mistagógicos, celebrativos é o sinal mais evidente de que a Palavra de Deus é a espinha dorsal do processo da iniciação” (p. 43). Um dos momentos da celebração é a entrega da Bíblia aos catequizandos: “Recebe o livro da Palavra de Deus. Que ela seja luz para sua vida” (RICA n. 93). Tal entrega deve renovar também nos catequistas a “consciência de que a Palavra de Deus é luz em seu ministério, é alimento que o sustenta na desafiadora missão de iniciar novos cristãos na vida cristã” (p. 44).

No quinto capítulo, o A. desenvolve o pensamento ressaltando a necessidade de haver uma íntima ligação entre catequese e liturgia. Sabemos que por muito tempo ambas caminharam de formas isoladas. A proposta da inspiração catecumenal ressalta a grande riqueza da variedade de ritos e celebrações em todo o percurso formativo, por isso, a integração entre catequese-liturgia será essencial para a superação do modelo de catequese escolar. “Na inspiração catecumenal, a catequese ou é celebrativa, litúrgica, orante, mistagógica, ou então já não cumpre seu papel de iniciar na fé. Na proposta catecumenal, a catequese e liturgia não são duas realidades separadas. A catequese é litúrgica e a liturgia é catequética, porque ambas se relacionam mutuamente” (p. 48).

Neste sentido, Frei Reinert apresenta a grande responsabilidade que os catequistas têm de fazerem essa integração, devem primeiramente eles serem homens e mulheres mistagógicos, que fizeram a experiência do Mistério para comunicá-lo aos demais. "O catequista litúrgico não é apenas homem e mulher do saber teológico e doutrinal; ele conhece o mistério, anuncia o mistério e sobretudo, o saboreia e o celebra. O catequista é um ministro do saber e do sabor, do conhecimento e da experiência" (p. 50). Ainda neste capítulo ele fala do valor das celebrações da Palavra de Deus, dos exorcismos, das bênçãos que são proferidas pelos catequistas.

No sexto capítulo são trabalhadas as entregas do Creio (RICA n. 186) e da Oração do Senhor (RICA n. 191) aos catecúmenos. Há um movimento "transmitir-receber-acolher-viver, ou seja, a Igreja desde os primórdios, transmite, de geração em geração, a fé apostólica" (p. 57). Como nos tópicos anteriores o A. faz toda uma reflexão no sentido dos catequistas refletirem o sentido dessas entregas na sua própria vida. "Falar da identidade do catequista a partir do símbolo da fé é por demais importante e necessário. Muitos agentes de evangelização perdem sua identidade mistagógica e se convertem em meros doutrinadores. Na entrega do Creio, o catequista é convidado a renovar sua fé, e mais do que isso, a perguntar a si mesmo pelo "conteúdo" de sua fé" (p. 59).

No tocante a entrega da Oração do Senhor, Frei Reinert bebe da fonte do livro "A oração do Pai-nosso" do teólogo espanhol Pagola, e sintetiza a oração como um projeto de vida, como uma síntese da vida cristã. "A entrega da oração do Senhor é de suma importância para que o catequista possa aprofundar sua consciência cristã e clarear a identidade do seu ministério" (p. 62). "Com a entrega da Oração do Senhor, é renovado em cada catequista, a certeza de que Deus é Pai amoroso, é presença paterna, fidelidade constante. É nesse Deus que o catecúmeno é iniciado. É desse Deus que o catequista é missionário" (p. 67).

Continuando o percurso formativo apresentado pelo processo de iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal, neste sétimo capítulo, o A. apresenta a importância da celebração de eleição e dos escrutínios realizados no tempo quaresmal e a implicação desses ritos na vida tanto do catecúmeno, quanto do catequista. "Chama-se celebração de eleição porque a Igreja admite o catecúmeno baseado na eleição de Deus, em cujo nome ela age" (RICA n. 22). Os catecúmenos tendo feito esse percurso de crescimento na fé, a partir desta celebração são chamados mais incisivamente a corresponder a fidelidade de Deus. Da parte dos catequistas diz o A. "é um momento privilegiado para repensar/renovar diante de Deus sua própria convicção de ser cristão e eleito, chamado ao nobre serviço da transmissão da fé" (p. 73).

Conforme o RICA os escrutínios preferencialmente realizados no tempo quaresmal, tem uma dupla finalidade: "Descobrir o que possa haver de imperfeito, fraco e mau no coração dos eleitos, para que seja curado; e o que houver de bom, forte, santo, para consolidá-lo" (RICA n. 25). Segundo o A. "todo discípulo de Jesus Cristo examina, sonda seus avanços e retrocessos, seus acertos e seus erros, suas virtudes e suas limitações" (p. 77). Nesse sentido, tanto catecúmenos quanto catequistas precisam mergulhar no mistério dessas celebrações

para se manterem fiéis e perseverantes na caminhada. Frei Reinert reconhece que são tantas as tentações que por ventura tentam fazer os catequistas desanimarem da missão. "O fardo de muitas vezes não contarem com o apoio da comunidade eclesial, bem como, na maior parte dos casos, a não participação e o não envolvimento dos primeiros catequistas – que são os pais – na educação da fé de seus filhos, é sem dúvida, um entrave na missão do catequista" (p. 78).

Por fim, assim como no percurso catecumenal a mistagogia constitui a última etapa, também no último capítulo de seu livro Frei Reinert, aborda essa questão da importância da mistagogia. Ele deixa muito claro um pensamento que vale a pena ser constantemente reafirmado: "Embora o último tempo do percurso catecumenal se chame mistagogia, há de se ter presente que todo o processo catecumenal é mistagógico, ou seja, todos os elementos da metodologia catecumenal são, fundamentalmente, canais que conduzem o catecúmeno para dentro do mistério, que é Jesus Cristo" (p. 80).

Nesse sentido o A. ressalta a importância do catequista ser um mistagogo por excelência. "Se a identidade da inspiração catecumenal é a mistagogia, isso significa que a mistagogia deve ser também a tarefa irrenunciável do catequista, que está a serviço da iniciação à vida cristã" (p. 80). "A identidade mistagógica do catequista lança-o a uma mudança radical no modo de exercer seu ministério. Muda-se o enfoque, passa-se da identidade do doutrinador, mero transmissor de conhecimentos religiosos, a gerador de experiências de vida cristã" (p. 81). Por fim diz o A. "O coração do catequista é mistagógico, pois é no coração de Deus e no coração do próprio catequista que novos cristãos são gerados para a vida cristã" (p. 85).

O texto é uma preciosidade e merece ser lido e estudado com os nossos catequistas, agentes de pastorais e movimentos, equipes de liturgia para darmos o passo de entender a iniciação à vida cristã como missão de toda a Igreja. É uma obra curta, mas de uma densidade teológica imprescindível, que facilita a leitura de nossos agentes de pastoral.

Especificamente dirigindo-se aos catequistas, Frei João Fernandes Reinert, vai conduzindo a reflexão para que eles se coloquem em cena juntamente com os catecúmenos e catequizandos, pensando sobre o seu serviço e renovando a cada momento o seu ministério.

Tantas questões aqui são levantadas para catequistas e catequizandos ( e porque não a cada um de nós também servidores do Reino) sobre: o amor de Deus; a experiência querigmática; o fazer parte da igreja sendo acolhido por ela; qual a Cristologia que o catequista traz consigo; a centralidade da cruz no dia a dia; a importância da Palavra de Deus; a integração que o catequista deve ter com a liturgia; a importância da profissão de fé e da vida de oração a partir do Pai-nosso; o que significa ser eleito por Deus e por fim todo o carisma mistagógico que se espera hoje de um catequista.

**Renato Quezini**